O dom de benzer: a sobrevivência dos rituais de benzeção nas sociedades urbanas – o caso do Município de Mara Rosa, Goiás, Brasil

Léo Carrer Nogueira,

da Universidade Estadual de Goiás - Porangatu, Goiás, Brasil
leocarrer@yahoo.com.br

Suelen Malheiro Versonito

da Universidade Estadual de Goiás - Porangatu, Goiás, Brasil
suelen-mv@hotmail.com

Bruno das Dores Tristão

da Universidade Estadual de Goiás - Porangatu, Goiás, Brasil
brunotr88@hotmail.com

Resumo: O ofício da “benzeção”, prática que tem registros no Brasil desde o período colonial, inclusive auxiliando na cura e tratamento de várias doenças, num período em que a medicina era rara, ainda hoje persiste em várias cidades brasileiras. Inseridas numa lógica «mágico-religiosa», juntamente com os preceitos do catolicismo, as benzedadeiras são procuradas muitas vezes para solucionar problemas de saúde, concorrendo muitas vezes com a própria medicina, e oferecendo uma alternativa aos mais necessitados. Este artigo é resultado dos trabalhos de campo realizados na cidade de Mara Rosa (GO) e apresentará uma etnografia bem como algumas reflexões acerca da sobrevivência das práticas de benzeção em nossa sociedade.

Palavras-chave: Benzeção, Catolicismo Popular, Eficácia, Mara Rosa.

INTRODUÇÃO

A prática da “benzeção” ou “benzeduras¹” remonta ao período colonial no Brasil. Ela teria vindo da Europa, sendo prática comum desde a

1. “Apesar de o termo benzeção se originar da palavra bênção, no senso comum criou-se uma clara distinção e oposição entre “bento” e “benzido”, “bênção” e “benzeção”. No meio popular, emprega-se o termo benzido para se referir à ação de membros leigos, os ditos benzedeiros ou benzedadeiras. São profissionais independentes, sem ligação com uma instituição específica, que atuam em comunidades onde seus serviços são necessários. (...) Já o termo “bento” aproxima-se da ação de clérigos

Alta Idade Média. Laura de Mello e Souza (1986) descreve que era costume de camponeses levarem animais para a basílica pra receberem a bênção do padre e assim livrarem-se de doenças e enfermidades.

A origem de tal prática remonta aos escritos bíblicos. Várias passagens, tanto no Antigo quanto no Novo Testamento mostram personagens dando e pedindo a "bênção". Na Idade Média a bênção era dada por padres, clérigos e outros membros da instituição Católica apenas. Mas com o tempo, pessoas comuns e sem a autorização da Igreja passaram a praticar tais atos, prestando serviços de benção à comunidade em que viviam.

Tais práticas, quando não reconhecidas nem autorizadas pela Igreja Católica, eram perseguidas e condenadas pela Igreja e pelo Estado. "Em 1499, D. Manuel determinava que, juntamente com os feiticeiros, os benzedores fossem ferrados com um F em ambas as faces" (SOUZA, 1986, p. 184). Também nas Ordenações Filipinas, código de leis instituído em Portugal durante o governo de Filipe II da Espanha durante a União Ibérica (1580-1640), havia a ordem para que não se praticasse a benção sem a autorização da Igreja e do Estado³.

Se a prática já era conhecida em Portugal durante a Idade Média, nada mais natural que a mesma viesse aparecer também no Brasil Colonial, e aqui se modificasse diante da dinâmica cultural existente neste período. No entanto, são poucos os relatos da prática da benção no Brasil, o que não significa que eles não existissem, como nos alerta Laura de Mello e Souza (1986):

Nos tempos coloniais, a documentação fala muito pouco dos benzedores. Fica difícil dizer se realmente eram escassos ou se a Inquisição, as devassas episcopais e os demais poderes se importavam pouco com eles. Como o hábito de benzer perdura ainda hoje entre nós, a segunda hipótese parece ser a mais provável (SOUZA, 1986, p. 184).

Hoje encontramos em diversas cidades espalhadas pelo Brasil pessoas que praticam o ato da benção, seja para curar doenças, livrar de "mau-olhado", "quebranto", entre outros objetivos. Tal prática sobreviveu a longos anos de perseguição pela Igreja Católica Ortodoxa, que por várias vezes tentou eliminar as diversas práticas religiosas que não condiziam com a

ou sacerdotes, em outros termos, de pessoas relacionadas à ação institucional da Igreja" (MOURA, 2009, p. 28-29).

2. Ver por exemplo Gênesis 48: 14-16 e 27:26-27 (apud MOURA, 2009).

3. Ver Código Filipino..., livro quinto, tt, IV, p. 1152 (apud SOUZA, 1986, p.184).

ortodoxia católica⁴, práticas estas que compõem o enorme quadro conhecido como catolicismo popular.

Em Mara Rosa, cidade do interior de Goiás, situada a 350 km da capital do estado, Goiânia, encontramos uma forte rede de benzedores e benzedoras que ainda mantêm este ofício. Em nossa pesquisa, conseguimos mapear um número de dez pessoas que perpetuam esta prática, e através da pesquisa de campo e das entrevistas realizadas com eles e com adeptos, pretendemos fazer uma breve etnografia dos rituais da benzeção realizados e como eles se inserem na dinâmica religiosa da cidade.

O RITUAL DA BENZEÇÃO

A benzeção é uma prática baseada em crenças arraigada na mistificação e executada por meio de um ritual. Cada benzedora possui um rito próprio, uma maneira singular de benzer, mesmo quando se trata da mesma benzeção. Essa singularidade na prática da benzeção a torna ainda mais fascinante, uma vez que presenciamos várias maneiras de se alcançar o mesmo objetivo: a cura através da fé. A maneira que se benze, bem como os objetos utilizados, de diferentes maneiras pelas benzedoras⁵, visam principalmente a cura das inúmeras moléstias do corpo e da alma.

O ritual da benzeção, com todo o mistério que a envolve, carrega na prática a qualidade de trazer a quem a procura um conforto que muitas vezes não foi encontrado em outros ambientes e com outros métodos medicinais. A prática da benzeção com jaculatórias, orações fixas, objetos, indicação de remédios e ainda o conforto pela palavra de quem benze, fascina pelos resultados constatados. E mesmo diante do fato de que o número de benzedoras vem diminuindo periodicamente, não deixa de mostrar-se eficaz e presente na comunidade, e ainda com a preocupação em dar continuidade nesta prática, por parte de quem benze, por saber da importância da mesma na comunidade em que se vive.

Quintana (1999) nos apresenta três fases fundamentais que compõem o processo ritualístico da benzeção: o diálogo, a benzeção e por fim as

4. É o caso da Reforma Ultramontana, que tinha como objetivo aplicar as considerações do Concílio de Trento e entre outras coisas reprimir as práticas do catolicismo popular. Sobre isto ver OLIVEIRA; MARTINS, 2011.

5. Ao longo deste artigo utilizaremos o termo "Benzedora", no feminino, mas sempre querendo se referir tanto às figuras femininas como masculinas que efetuam esta prática.

prescrições. O diálogo é o primeiro contato entre o benzedor e o benzido, neste momento o cliente fala de sua vida, seus problemas, angústias e aflições. Não é somente a característica somática⁶ que envolve esse momento, ela é por sua vez uma atenção secundária, pois o aspecto mais conciso do diálogo é a intenção e o vínculo fraterno estabelecido entre o sujeito e o objeto da benção.

Estabelecido o primeiro vínculo, a benzedeira inicia o ritual da benção, que pode ser de inúmeras maneiras: imposição das mãos, recitação de jaculatórias e orações, gestos em forma de cruz sobre o benzido, etc. Fazem uso também de ramos, talos, panos entre outros objetos. É na benção que éuplicado o fim almejado.

A benção não encontra seu ponto final na benção. Após o ritual da mesma chega o momento da prescrição. Esta por sua vez acontece das mais variadas formas, uma vez que dependem primordialmente da queixa apresentada durante o diálogo. Nessa última fase do ritual, a pessoa que benze fala o que sentiu durante a benção e prescreve orações ou mesmo chás e ervas, como veremos.

OS OBJETOS RITUAIS

O ofício da benção envolve uma gama de representações e simbologias que juntos atuam na eficácia de tal prática constituindo e moldando o universo místico da mesma. A própria benzedeira determina o objeto a ser usado em cada ritual. Encontrada a enfermidade, a benzedeira procede da maneira que julgar melhor para se alcançar a cura. Devido a esse aspecto singular, pode-se observar a diversidade que emana do ato ritualístico.

Dentro da lógica do ritual cada objeto assume característica essencial para este ofício. Na bibliografia utilizada encontramos o uso de velas, brasas, copo com água, panos, agulhas, etc. Por meio das observações da pesquisa de campo, pode-se notar o uso do terço, da água, de ramos, panos, faca, sal, cinzas, entre outros.

O terço é comumente utilizado pelas benzedadeiras católicas. O mesmo possui inúmeras simbologias no universo católico. Conforme nos explica Moura (2009), ele possui valor de totalidade, ou seja, ao circundar a pessoa

6. As perturbações somáticas são um grupo de alterações em que algum problema psicológico subjacente produz sintomas de pena e incapacidade física.

com o terço, a benzedeira envolve-a em um círculo de cura, fechando o corpo para a doença e o mal.

A faca é utilizada em alguns benzimentos juntamente com algum talo de mamona ou qualquer outro ramo verde, e tem por simbologia o corte da doença e do mal. Com a faca corta-se a doença impedindo-a de avançar, como é o caso de doenças como o “cobreiro” e a “erisipela”.

O ramo adquire variadas significações, como no caso acima mencionado (cobreiro e erisipela). Após a benzeção, o talo ou ramo é colocado em um local separado da casa e quando este secar por completo, seca-se também a inflamação da moléstia. Em outros casos como na benzeção de “mau-olhado”, acredita-se que a inveja e tudo que estiver no corpo do cliente passam para o ramo. Este por sua vez deve ser colhido na hora da benzeção e após a recitação da mesma o ramo deve murchar. Segundo Sr. Augusto “o ramo ficou murcho porque as coisas que tinham de ruim na pessoa passaram pra ele”⁷. Na linguagem das benzedeadas se o ramo murchar significa que a pessoa está “carregada”⁸.

Cada objeto contém seu valor, sua simbologia e é utilizado de acordo com a necessidade da benzeção. Tais objetos são primordiais na prática da mesma, uma vez que para as benzedeadas representam um auxílio que lhes proporcionam segurança e confiança para benzer.

O uso desses objetos para as benzedeadas, no ato da benzeção, faz com que a cura seja imediata, ou pelo menos que a solução para o mal seja apontada, podendo assim, com a ajuda dos elementos naturais (arruda, guiné, alecrim) darem início no tratamento das moléstias, elementos estes que ela mesma indica, ensinando como prepará-los e a dosagem a ser consumida ou usada externamente, bem como as contraindicações, como os alimentos que devem ser evitados para consumo por serem considerados prejudiciais se misturados aos remédios. Além dos diversos objetos incorporados ao ritual da benzeção há também a incorporação de plantas medicinais.

Ao apontar a realização da benzeção, bem como os objetos utilizados, é possível observar que o ritual incorpora certos elementos naturais que auxiliarão no tratamento de moléstias como arruda, guiné, alecrim, capim

7. Entrevista realizada com o benzedor Sr. Augusto por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 24/06/2011.

8. Carregada: Segundo pesquisa de campo, consta-se que uma pessoa esteja “carregada” quando ela foi acometida de “olho gordo”, ou seja, inveja. Nesse sentido a pessoa que benze sente uma “áurea negativa” que envolve o indivíduo.

santo, entre outros. Nessa perspectiva nota-se que a indicação de tais ervas auxiliam na cura e muitas vezes chegam a validá-la. No entanto, há de se ressaltar que tais indicações não é algo essencial ao ofício da benzeadeira, são apenas um complemento. A essência da benzeção é a oração e o rito que envolve a prece. Assim conclui-se que uma vez estabelecida a oração que incidirá na cura espiritual, as ervas e sua manipulação auxiliarão na cura física.

Ao ser perguntada a respeito de indicação de chás e ervas como auxílio e complemento da benzeção, D. Liandra, uma das benzeadeiras que encontramos na cidade de Mara Rosa-GO, nos informa que além das rezas é importante fazer o uso das plantas e relata a especificidade de cada erva.

Uai, benzê é bão, muito bão mais tem também que ajudá o corpo com uns remédio desses q a gente tem em casa, no quintal da gente. Esse aqui ó é o alecrim é bão pra (pausa) calmante de coração, é calmante... Além do que é bão ter um pézim de alecrim na porta da casa da gente que trás a sorte⁹.

Para validar a fala de D. Liandra, analisar-se-á a planta e sua eficácia cientificamente. Segundo Martins [ET AL] (1995) o Alecrim cujo nome científico é *Rosmarinus officinalis* é indicado como um estimulante digestivo, sendo também estimulador do apetite, colaborador para boa memória, debilidade cardíaca, entre outros. O alecrim aparece com frequência nas indicações das benzeadeiras.

Nota-se, pois, que embora seja uma pessoa humilde e sem formação científica, a experiência de vida e o conhecimento passado de geração em geração confere a D. Liandra um conhecimento vasto da eficácia de tais ervas. É admirável o conhecimento de Dona Liandra e a destreza com que articula todas as plantas que tem em seu quintal. Para a gripe e lombrigueiro, Dona Liandra indica outra de suas plantas, o hortelã, ou hortelã-gorda, que apresenta folhas maiores e com a tonalidade mais clara.

Martins [ET AL] (1995) descreve a hortelã como uma planta digestiva e expectorante. Portanto mais uma vez comprova-se a eficácia de tais ervas. Outra planta bastante conhecida é a arnica. Também presente no rico quintal medicinal de Dona Liandra, que o utiliza e indica salientando sua eficácia para “constipação”¹⁰.

9. Entrevista realizada com Dona Liandra por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 22/06/2011.

10. Dores no corpo e mal estar ocasionado pela mudança brusca de temperatura a qual o corpo for exposto.

Já Sr. Agenor, outro benzedor que mora na cidade, também utiliza e indica a arnica, porém no álcool e com outros elementos naturais, que diz ser muito bom para dores ósseas ou resfriado como ele mesmo aponta

Mistura imbé com arnica e a fruta do açafraão, aí cê põe tudo junto, pra quem sofre reumatismo, resfriado no corpo né? Aquele pelo ruim aí, cê passa e indireita até o osso torto, cê quebra o braço de vez em quando, cê passa o osso vorta. Ela tem que ser misturada no arcool. Aí num é de beber não, é passar¹¹.

Para validação das falas de Dona Liandra e Sr. Agenor em relação à arnica, Weil (1991, p. 45) enfatiza que “seu emprego é exclusivamente externo [...] pode-se embeber um pano no emplasto e aplicá-lo em forma de compressa sobre uma contusão ou torção”.

Uma curiosidade foi a indicação da arruda, pois das benzedeadas entrevistadas, nenhuma indicou seu uso para a cura física e sim para prevenção de males além-físico. A arruda e a guiné são plantas que possuem um cheiro muito forte e são usados em alguns benzimentos como de mau-olhado. Dizem as benzedeadas que tais plantas afastam o mau-olhado e a inveja. Assim, a pessoa pode carregar consigo uma folhinha que garante proteção contra os males da inveja. Sr. Agenor aponta que “arruda também que serve pra contra ‘oi’ ruim, inveja, ganância, desespero”.

O DOM DE BENZER

Em termos de relevância cultural, a transmissão do dom da benção possibilita a continuidade da tradição arraigada no meio popular. O iniciado na benção passa a viver em um mundo diferente, de novos significados, cheio de representações e símbolos. Segundo Weber (1994, p. 280) “a representação de certos seres que se ocultam por trás da atuação dos objetos naturais, artefatos ou homem carismaticamente qualificado de alguma maneira determina esta situação, a crença no espírito”.

É a partir dessas representações e símbolos, que as benzedeadas passam a ter uma ligação com os santos, fazendo uma relação entre o homem e o espírito através de suas orações, pois a vida de uma benzedeadas é totalmente voltada para a sociedade, dentro de um mundo religioso de íntimo relacionamento espiritual.

11. Entrevista realizada com Sr. Agenor, por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 24/06/2011.

Segundo a crença, o dom da benzeção não surge da noite para o dia. Ele fica inerte no mais íntimo do ser, até que seja “revelado” ou “descoberto” pelo praticante. Isso ocorre quando o interesse pela prática vai além do mero conhecimento de sua existência, pelo desejo de realizá-lo, pela busca de algo que contribua para sua aproximação com uma razão superior. A descoberta do dom é vista como uma missão a ser cumprida, uma vez possuindo essa capacidade não se pode simplesmente ignorar sua existência. Assim, os benzedores, assim como os magos, “atuam em virtude de *dons pessoais* (carisma) e da prova destes por milagres e *revelação pessoal*” (WEBER, 1994, p. 294, *grifos nossos*).

Às vezes a procura e o interesse nem é tão significativo, mas quando incentivado por quem já benze, assume-se como uma responsabilidade que precisa ser colocada em prática. O dom resulta na iniciação na prática da benzeção e sua confirmação a cada ritual realizado viabiliza a continuidade do ofício de benzer.

É com a descoberta do dom que a benzedeira se vê sob uma nova perspectiva. Ao recebê-lo, ela passa a carregar em sua existência algo que a difere dos demais, não sendo superior, mas sim dotada de uma característica própria, algo que faz parte apenas de seu ser, que alimenta sua vontade de ajudar o próximo e com isso dá um sentido a mais para sua vida, se dedicando à comunidade e fazendo de seu ofício de benzer um fator que estrutura e dá base para o meio social ao qual se insere.

As mudanças na vida das benzedeiros se refletem na própria comunidade em que vivem. Com a nova postura assumida por elas, a rotina das pessoas que convivem no seu dia-a-dia, bem como seus familiares, amigos e vizinhos, tende a se modificar, evidenciando sua condição de agente transformadora da sociedade.

Oliveira (1983) trabalhou com diversas categorias de agentes da benzeção: umbandista, crente, kardecista e católica. Nessa linha, observa-se que a obtenção do dom dar-se-á de diversas maneiras, algumas calcadas além da compreensão humana sendo das mais variadas formas de manifestação como: as advindas de visões ou revelações, que consiste em ver espíritos ou entidades que lhe revelem a existência do dom. O dom pode também ser nato, onde o sujeito já nasce com ele, sendo exercido muitas vezes sem o conhecimento de sua existência para mais tarde ser percebido como tal.

Olha, eu aprendi a benzer mais por dom mesmo. Parece, que é Deus mesmo e aí eu via as pessoa benzê, via as falas, as vezes algumas pessoas vai benzer, por exemplo e vejo benzer e peço pra me ensinar e aprendo. Eu desde minino quis benzê, eu via o zoutro benzê e queria benzê também¹².

Tem ainda a herança de dom, que é quando o dom é passado de geração em geração pela prática do costume e pela observação dos filhos que aprendem a benzer apenas vendo os pais, avós ou pessoas de seu círculo de amizades. Observa-se que as benzedeadas de Mara Rosa-GO fundamentam-se nesses dois últimos sua iniciação e descoberta do dom.

Eu aprendi com meu pai, ele sabia benzer de muncado de coisa né? Mas eu aprendi a benzer foi poucas benzição, mas o que eu queria aprender não aprendi a benzição de cobra, ofendido de cobra, dor de cabeça e é, não sei se porque a gente tem fé né? Curava na hora não é mesmo? Mande benzer minha cabeça foi muitas vezes e a gente parece que fica sem com fé que a cabeça mais não dói né?¹³

Ah... lembro, minha mãe ensinava, falava assim, benzer de mal de olho, e quebrante, ensinou como é, que benze tudo né? A outra é de espinhela caída a cumade mim ensinou¹⁴.

Embora apresentem inúmeras semelhanças, cada agente da benzeção apresenta uma maneira peculiar de lidar com a benzeção. A singularidade de cada benzedeadada representa uma adaptação singular, mesmo que tenha recebido o dom de uma maneira, tende a se moldar em busca do ápice de sua realização ao benzer. É a procura pela melhor execução do dom. Essas mudanças verificadas indicam a dedicação que têm, visando o conforto físico e espiritual cada vez mais eficaz de cada um que as procuram.

A confirmação do dom é dada a partir do momento em que a benzeção se mostra eficaz. A "cura" da moléstia de quem a procura, evidencia que a sua missão pode ser continuada, ou seja, que ela é realmente portadora de algo especial que a torna capaz de realizar tais atos de cura, em nome Daquele que lhe possibilitou a realização da mesma através de suas orações. A eficácia da "cura" advinda do dom só é válida quando a benzeção passa a

12. Entrevista realizada com Sr. João, por Suelen M. Versonito e Bruno das Dores Tristão, em 25/06/2011.

13. Entrevista realizada com Dona Liandra por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 22/06/2011.

14. Entrevista realizada com Dona Jesus por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 23/06/2011.

ser uma referência para aquela comunidade e pessoas de outros bairros ou até outras cidades que a procuram, como veremos a seguir.

EFICÁCIA DAS BENZEÇÕES

A eficácia da benzeção se alicerça em dois pilares fundamentais: a fé daquele que benze e a crença daquele que é benzido. Podemos notar que o que alimenta a crença na benzeção é o fato dela atuar como uma aliada a tratamentos clínicos de saúde, como é o caso da Fernanda que não dispensa a benzeção mesmo realizando tratamento de saúde em clinica conceituada de Goiânia e com médicos especialistas no caso.

Já tem dois anos que me trato em Goiânia, tenho problemas de enxaqueca que tiram a paz e a felicidade. Minha cabeça dói muito, uma dor que nem sei explicar. Diversas vezes minha cabeça doía a ponto de não conseguir levantar da cama. Ia no hospital, tomava alguns remédios e hora ou outra a cabeça tornava me incomodar. Até que um dia a comadre Juranir me levou na D. Conceição e pediu pra ela me benzer. Antes de benzer nós conversamos, falei pra ela das minhas dores de cabeça e acabamos falando também da minha vida particular. Quando me dei conta, estávamos falando dos meus filhos, dos problemas com meu falecido esposo, do meu dia-dia no serviço e outras coisas que nem lembro mais. Olha, quando ela me benzeu eu não senti nada de anormal, mas também minha cabeça doía tanto que mesmo que sentisse nem ia perceber (risos). Mas parece assim que foi como se tivesse tirado com a mão. Fui pra casa com a cabeça ainda muito dolorida só que mais tarde a dor foi sumindo sem eu perceber. Olha se foi ou não o poder da benzeção eu não sei, mas que eu gostei eu gostei. Até hoje mesmo tratando com doutor e tomando remédio eu sempre benzo¹⁵.

Fernanda, 35 anos, professora, viúva e mãe de dois filhos nasceu e cresceu em Mara Rosa-GO. É uma pessoa que nos remete a uma análise profunda acerca do nosso tema de pesquisa: a benzeção. Pelo perfil apresentado observa-se que a mesma é uma pessoa instruída, que conhece a importância da medicina erudita e mesmo assim recorre a benzeção, manifestação da medicina popular. Quais seriam as motivações dessa constante procura, uma vez que ela mesma afirma que a dor sempre volta?

Ao ser indagada sobre isso ela responde com um sorriso no rosto “por que você toma água, se daqui uma hora ou menos a sua sede retornará?”.

15. Entrevista realizada com Fernanda, por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 18/10/2011.

Percebe-se nessa fala, a importância atribuída ao ato da benção. O rito em si envolve muito mais do que se pode imaginar, além da cura¹⁶ (mesmo que passageira) o mesmo proporciona um sentimento de conforto espiritual que precisa ser alimentado constantemente.

Para Mary Douglas (1990, p. 88), o poder de um ritual está na confiança que nele se deposita. Se uma determinada sociedade confia em seu xamã e em seus ritos, sua eficácia estará assegurada. É o que podemos perceber na fala de Fernanda. O fato de ela ter seus desejos atendidos, seja de cura de doenças ou resolução de problemas é a base de sua fé na utilização do ritual da benzeção.

Há ainda indivíduos que quando indagados sobre o porquê de sua crença na benzeção recebem a pergunta com certa estranheza e levam algum tempo para formularem suas respostas. Na maioria das vezes fundamentam-se nos laços de hereditariedade, uma vez que cresceram em ambientes crédulos na prática do ofício. Esse foi o caso observado da estudante Luana, mãe da pequena Isabella:

Desde pequena minha mãe sempre levava eu e meus irmãos pra benzer. Se ficava magrinho, ruim pra comer ela levava pra benzer, ela amarrava um pano na costela da gente e benzia a espinhela. Quando a gente mudou aqui pra Mara Rosa logo ela conheceu outras benzedadeiras e toda vez que precisava a gente se benzia. Assim (pausa) eu sou nova, mas eu acredito muito na benzeção, por que na verdade se a gente tem fé a cura acontece. Eu engravidei muito nova e morro de medo de algo acontecer com a minha filha. Sabe, sempre trago ela pra benzer por que criancinha nova pega muito quebrante. Toda vez que trago ela [a filha] ela fica melhorzinha. Nos primeiros dias depois do parto tive muitos problemas pra amamentar, meus seios incharam e não saia leite de jeito nenhum, daí a D. Conceição foi na minha casa me benzer de peito azangado e olha, Deus foi bom demais comigo meu peito sarou e amamentei a neném sem problemas. As benzeção sempre funcionou comigo e agora funciona com minha filha¹⁷.

Nessa dimensão de análise, pode ser verificado um aspecto dos diversos leques de possibilidades que o mundo da benzeção nos oferece: a resistência da cultura frente a modernidade. Pois mesmo sendo jovem, Luana procura a benzeção por que essa mostra-se válida na medida em que ela

16. Deixemos claro que o termo "cura" aqui utilizado, não refere-se a nenhuma descrição científica de fim da moléstia, queremos no entanto retratar o termo como uma resposta mesmo que passageira em relação ao mal que afetava o cliente.

17. Entrevista realizada com Luana, por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 18/10/2011.

cresceu convivendo com essa prática e seus resultados, ocasionando assim um ciclo de preservação da cultura e crença de um povo.

Mesmo com a pretensa “racionalização” e “modernização” de nossa sociedade, vemos que práticas como a benzeção ainda encontram adeptos e relativa importância. Segundo afirma Machado (2003), este seria o papel da religião em um mundo “desencantado”:

A ordem social continua precária, o mundo está desencantado, os problemas sociais e econômicos continuam sem justificativas plausíveis para os que sofrem com eles. A religião foi empurrada para a periferia – como forma de explicação do mundo e centro da coesão social – mas, apesar de ter perdido grande força de influência e decisão no campo laico, ela aparece, ainda, capaz de dar um significado (às vezes transcendental: ‘é a vontade de Deus!’) às situações de subexistência e desigualdades sociais as mais diversas. Essa nova significação possui características inesperadas, características estas de um ‘reencantamento’ do sagrado, visível principalmente nas manifestações religiosas e, por isso mesmo, também no assim chamado ‘reencantamento’ pela religião (MACHADO, 2003, p. 30).

É esse movimento de “reencantamento pela religião” que permite à prática da benzeção resistir em nossa sociedade. Assim, muitas pessoas procuram a benzeção por certo desconforto com a medicina erudita ou o tratamento que recebem pelos profissionais da saúde. Observa-se que as benzedeiros, enquanto mediadoras da cura pela fé, mantém um relacionamento pessoal com o enfermo, explicando e respondendo as expectativas nas mais diversas áreas: pessoais, familiares e comunitárias.

CONCLUSÃO

Segundo Oliveira (1985, p.25) a benzedeira “[...] é uma cientista popular e possui uma maneira muito peculiar de curar: combina os místicos da religião e os truques da magia aos conhecimentos da medicina popular”. Temos então um sujeito carregado de significações e representações, que são ao mesmo tempo “médicas populares” e detentoras de orações.

Por meio das pesquisas realizadas foi evidenciado que as benzedeiros de Mara Rosa são em sua maioria pessoas idosas oriundas do meio rural, com pouco ou nenhum grau de instrução e atuam em nome de uma religião, geralmente o catolicismo.

Em se tratando da maneira como as benzedadeiras realizam seu ofício, há divergências entre alguns pesquisadores. Em sua pesquisa, Oliveira (1985) caracteriza a benzedadeira como uma profissional autônoma, sendo a benzeção um artifício para complementar sua renda mensal ou um meio para obtê-la integralmente. No entanto, Leite e Archanjo (2008) ressaltam:

As benzedadeiras encaram seu ofício como um serviço assumido por tradição, por acreditarem no bem que fazem aos outros [...]. Não cobram pelos serviços prestados, mas muitos dos que procuram seus serviços costumam levar presentes como forma de agradecimento (LEITE; ARCHANJO, 2008, p. 18-19).

Entretanto, ao longo desta pesquisa, foi comprovado que as benzedadeiras da cidade de Mara Rosa não cobram por seus benzimentos. De acordo com D. Carolina “benzer é dom que Deus dá de graça, então não precisa cobrar, Deus até castiga!”¹⁸. Pelo comentário de D. Carolina, observa-se que a gratuidade do dom representa no universo da benzedadeira uma aproximação com o divino, um veículo promissor de graças e bênçãos, que caso seja quebrado desequilibra todo o ciclo. Portanto, para a maioria das benzedadeiras, o pagamento por suas benzeções dá-se pela realização da cura do benzido, ou de uma graça alcançada através do vínculo que se cria com o divino.

As benzedadeiras não saem às ruas oferecendo suas benzeções. Elas se tornam conhecidas no meio em que vivem pelas pessoas que alcançam a cura, e as indicam a outros que eventualmente necessitem de seus serviços. A partir desta propagação de sua pessoa, a benzedadeira acaba por ser uma representação dentro da sociedade, vista como uma pessoa de bem, carismática, experiente e confiável.

O ofício da benzeção não se limita apenas ao ato de benzer, orar, impor as mãos, pois além de benzer, elas exercem também, muitas vezes, a função de conselheira, levando longas e calorosas conversas que expressam ternura e aconchego, de forma a tentar reduzir a angústia de quem as procura, fazendo com que a cura ultrapasse os limites físicos e cheguem a alma. De acordo com Oliveira (1985, p. 39), “não basta apenas que a própria benzedadeira reconheça a existência de um dom na sua vida, é necessário que a comunidade onde ela mora partilhem com ela”.

Assim sendo, o ofício e propagação da benzeção se concretizam na relação que esta estabelece com as pessoas que lhes são próximas e estas

18. Entrevista realizada com Dona Carolina por Suelen M. Versonito e Bruno das D. Tristão em 21/06/2011.

últimas que propagam na eficácia da cura por elas mediada. Tal fato permite que a realização da benção não se perca, pelo contrário, se espalhe pela comunidade, fazendo permanecer à procura da benção, mesmo quando o incômodo não é físico.

Definir as benzedeadas é uma tarefa um tanto quanto delicada uma vez que são guardiãs de um patrimônio riquíssimo de nossa cultura. A pessoa que benze é aquela que representa a medicina popular, é aquela que detém orações em favor do bem do corpo e da alma, é pessoa amiga, conselheira e acima de tudo: a benzedeadada é mãe/pai avó/avô, esposa/esposo, médica (o).

Trata-se de uma figura social de relevância em nosso meio uma vez que carrega consigo uma tradição que perdura desde tempos remotos, mantendo-a viva atualmente mesmo com tantos empecilhos que poderiam ter aniquilado essa prática. Por esse motivo podemos ainda apresentá-la como uma guerreira que luta pela permanência daquilo que acredita, para que as obras e bênçãos conquistadas não se percam em nosso meio.

THE GIFT OF BLESSING: THE SURVIVAL OF BLESSING'S RITUALS IN THE CITIES – THE CASE OF THE TOWN OF MARA ROSA, GOIÁS, BRAZIL.

Abstract: The office of blessing, a practice that has registers in Brazil since colonial times, helping to cure and treat various diseases, in a period when the legal medicine was rare, still persists in many Brazilian cities. Inserted in a logic "magical-religious", with the precepts of Catholicism, the faith healers are frequently searched to resolve health problems, competing with medicine, and offering an alternative those who need. This article is the result of field work made in the town of Mara Rosa (GO) and present some reflections about the survival of the practices of blessing in our society.

Key words: Blessing, Popular Catholicism, Efficiency, Mara Rosa.

REFERÊNCIAS

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo* – Ensaio sobre as noções de poluição e tabu. Rio de Janeiro: Edições 70, 1991, Introdução e Cap. I "A Impureza Ritual" (p. 13-91).

LEITE, Daniella Araújo Teixeira; ARCHANJO, Léa Rezende. A benção como prática terapêutica. In: *Revista do Núcleo de Ciências Biológicas e da Saúde*, V. 01, nº 03. Curitiba, Universidade Positivo, 2008. (p. 15-19).

MACHADO, Sandra Maria Chaves. *Umbanda: reencantamento na pós-modernidade?* Tese (Mestrado em Ciências da Religião). Goiânia: UCG, 2003.

MARTINS, Ernane Ronie [ET AL]. *Plantas Medicinais*. Viçosa: UFV, 1995.

MOURA, Elen Criarina Dias de. *Entre Ramos e Rezas: o ritual de Benzeção em São Luiz do Paraitinga, de 1950 a 2008*. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião). São Paulo: PUC, 2009.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *Doença, cura e benzedura: um estudo sobre o ofício da benzedeira em campinas*. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social). São Paulo: UNICAMP, 1983.

_____. *O que é benzeção*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OLIVEIRA, Luciano Conrado; MARTINS, Karla Denise. O Ultramontanismo em Minas Gerais e em outras regiões do Brasil. In: *Revista de Ciências Humanas*. V. 11, nº 02. Viçosa: UFV, 2011. (p. 259-269).

QUINTANA, Alberto Manuel. *A ciência de benzedura: mau-olhado, simpatias e uma pitada de psicanálise*. Bauru, SP: EDUSC, 1999.

SOUZA, Laura de Mello e. *O diabo e a terra de Santa Cruz – feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

VAZ, Vânia. *As benzedoras da cidade de Irati: suas experiências com o mundo e o mundo das benzeções*. Dissertação. (Mestrado em História). São Paulo: PUC, 2006.

WEBER, Max. *Economia e Sociedade*. Brasília: UNB, 1994, Vol. 1, Cap. V “Sociologia da Religião (Tipos de Relações Comunitárias Religiosas)” (p. 279-418).

WEIL, Roberto. *As ervas que curam*. 5. ed. Rio de Janeiro: Editora Groud, 1991.

SOBRE OS AUTORES

LÉO CARRER NOGUEIRA - Possui graduação em História (2005) e especialização em História e Cultura Africana e Afro-Brasileira (2006) pela Universidade Estadual de Goiás (UEG), e mestrado em História (2009) pela Universidade Federal de Goiás (UFG). Atualmente é professor titular da Universidade Estadual de Goiás (UEG), na Unidade Universitária de Porangatu-GO e Doutorando em História da UFG.

SUELEN MALHEIRO Versonito - Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás.

BRUNO DAS DORES TRISTÃO – Possui graduação em História pela Universidade Estadual de Goiás.

Recebido para avaliação em 29 de Agosto de 2012

Aceito para publicação em 22 de Outubro de 2012